

ORGANIZAÇÃO POPULAR EM FORMAÇÃO, RELATOS DO COTIDIANO

NOGUEIRA, Keite de Cássia – UFPR Litoral - keitedenogueira@yahoo.com.br

SILVA, Cristiane Rocha – UFPR Litoral Rochasilvacristiane@yahoo.com.br

FLEIG, Daniel Gustavo – FAFIPAR- dgfleig@yahoo.com.br

BARCELOS, Simone Nunes – UFPR Litoral Simonenbarcelos@bol.com.br

Resumo: O presente artigo é um relato de experiência que procura partilhar a vivência na formação de um grupo popular, procurando ressaltar os medos, expectativas e as formas que o do grupo de mulheres envolvidas encontrou para fortalecer o grupo e enfrentar os desafios para a auto-gestão. A metodologia pauta-se na pesquisa-ação, utilizando-se das falas e registros no decorrer das reuniões, na definição das regras internas, registros da pesquisadora no decorrer da vivência no projeto e diálogos informais. Até o momento é possível observar que o fortalecimento do grupo está relacionado com o vínculo de confiança entre os proponentes e principalmente ao respeito às diferenças e a valorização dos saberes. O espaço livre para a fala e o envolvimento nas decisões levou à valorização do saber individual e o comprometimento. Ao sentirem-se valorizadas a demanda sobre o seu saber levou ao compartilhar o que sabem e preocuparem-se com as companheiras de grupo.

Palavras chave: Organização popular. Auto-gestão. Vínculos de confiança.

Abstract: This article is a report of experience which seeks to share experience in the formation of a popular group, seeking to highlight fears, expectations and the ways that the group of women involved found to strengthen the group and face the challenges for self-management. The methodology staff is in action research, using the words and records during the meetings, the definition of internal rules, records during the researcher's experience in designing and informal dialogues. So far it is possible to see that the strengthening of the group is related to the bond of trust between the proponents and foremost on respect for differences and appreciation of knowledge. The space for talks and involvement in decisions led to the recovery of knowledge and personal commitment. When to feel valued demand on their knowledge led to share what they know and caring about themselves with the group of companions.

Keywords: Organization popular. Self-management. Linkages of confidence.

1. Introdução:

O projeto onde está sendo possível vivenciar essa experiência é desenvolvido no município de Matinhos que está localizado no litoral paranaense, suas atividades econômicas baseiam-se principalmente no turismo, na pesca artesanal, na agricultura e na indústria da construção civil. Na temporada de verão verifica-se grande incremento das atividades onde a demanda de empregos diretos, indiretos e informais aumentam em grande quantidade (Bigarella, 1999).

Em Matinhos está sediada a Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral que está voltada para promoção do desenvolvimento regional sustentável. É esta Universidade a

proponente do presente projeto com título “Promoção da qualidade de vida por meio do desenvolvimento humano, cultural e profissional das famílias vinculadas ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI”, parte do programa Universidade sem Fronteiras da Secretaria de Estado da Ciência Tecnologia e Ensino Superior do Paraná.

Inicialmente as atividades realizadas focaram alguns bairros do município como Tabuleiro e Vila Nova onde visivelmente as condições de vida são mais precárias.

Foram utilizados alguns meios na tentativa de mobilizar a comunidade para participar da formação desse grupo popular e o principal deles foi visitar as famílias, com objetivo de conhecer mais de perto a sua realidade.

O projeto está em andamento há quase um ano, seu objetivo principal é a melhoria da qualidade de vida das famílias, baseada na formação cultural humanística e nas alternativas de geração de renda favoráveis ao desenvolvimento local. Conta com uma equipe de dois recém formados, uma delas a autora deste relato formada em Administração, a segunda formada em História, dois estagiários dos cursos de Pedagogia (FAFIPAR) e Gestão e Empreendedorismo (UFPR Litoral), dois professores orientadores da UFPR Litoral, uma assistente social do município e um professor orientador colaborador (FAFIPAR).

Sendo o artesanato uma atividade que favorece a utilização dos recursos abundantes na região e permite agregar valor ao impacto social na comercialização do produto. Ainda possibilita a identificação cultural do litoral, a contribuição social da cooperativa popular enquanto melhoria na distribuição de renda e ao mesmo tempo atende a necessidades de mercados compradores específicos, de forma a remunerar o trabalho e propiciar espaços de formação do indivíduo integral.

Participam da oficina um grupo heterogêneo de mulheres, com habilidades ou interesses em artesanato, o cotidiano dessas mulheres utiliza como recursos fundamentais a criatividade, solidariedade e o diálogo. Nas rodas de atividades, que também são rodas de conversa ocorre troca de conhecimentos, uma passa para outra aquilo que sabe, e discutem sobre aquilo que não sabem e sobre o que querem saber. Assim aprendem e ensinam e a partir daí constroem conhecimento além de laços de confiança e convívio que fortalecem e unem o grupo. Como nos diz Martins (2000), o senso comum não seria apenas ferramenta de repetições, tampouco é tido como comum por ser banal, mas por se tratar de conhecimento compartilhado pelos sujeitos de determinada situação social.

Trabalhamos na perspectiva Freireana, utilizamos os níveis de consciência de Paulo Freire, considerando a importância da consciência crítica onde o indivíduo tem a capacidade de se afastar da sua realidade e problematizá-la.

No decorrer dos encontros o grupo passou por algumas dificuldades como as oscilações com relação ao número de participantes e falta de recurso material devido a questões burocráticas. Essas situações foram fundamentais para o amadurecimento do grupo e para desabrochar a criatividade ao buscarem material alternativo ou mesmo na solidariedade de umas para com as outras cedendo o que havia de material e produzindo algumas peças.

Ao iniciar-se uma pequena produção, surgiu a possibilidade de o grupo participar do primeiro evento para exposição das peças, a Feira de Profissões da UFPR Litoral, esse evento exigia a nosso ver a elaboração de regras, acordos entre o grupo. Aí se verificou o surgimento de conflitos, nas situações onde o grupo é estimulado a buscar soluções para os problemas cotidianos ou pensar estratégias, uma tentou delegar à outra ou aos orientadores do projeto o direito de decidir por elas, como também achar que; o que faz melhor é produzir e deixar as questões “difíceis” para os outros, a exemplo a fala de uma das participantes do grupo nessa ocasião.

“Ah, pra mim o que vocês decidirem está bom, vocês é que sabem”.

Foram criadas somente duas regras, não havia muito interesse por parte das mulheres.

Entendemos ser a autogestão a não separação entre trabalho manual e intelectual, ela caracteriza as relações de trabalho do tipo democráticas, igualitárias, transparentes e solidárias.

Para que a autogestão se realize é necessário que todos os membros saibam o que acontece no seu grupo (empresa), a autogestão exige um esforço adicional dos trabalhadores na empresa solidária, onde todos devem se preocupar com os problemas gerais. “A autogestão promete ser eficiente em tornar empresas solidárias, além de economicamente produtivas, centros de interação democráticos e igualitários (em termos), que é o que seus sócios precisam”. (Singer 2002)

Sendo o grupo plural e as entradas de novos companheiros esporádicas, nos baseamos na pesquisa de Cançado, aonde chega ao diagnóstico de autogestão funcional, que é caracterizada por pessoas em diferentes níveis de consciência, em que mesmo com os instrumentos de participação disponíveis, alguns membros do grupo optam por não participar, delegando aos demais as tomadas de decisão. Esse dado nos levou a refletir sobre a importância do nível de consciência dos participantes, que se alcança pelo processo de conscientização.

Neste sentido, optou-se por sistematizar a vivência na organização do grupo de artesanato e compartilhar com os colegas pesquisadores os meandros do grupo em uma

perspectiva freireana. A forma de relatar a experiência na organização popular buscou ressaltar, pela teoria e prática, a sensibilidade necessária para identificar as aspirações, expectativas, frustrações e medos dos participantes nos desafios do protagonismo na construção de alternativas para o desenvolvimento local. Experiência essa que incrementou a formação dos recém-formados e acadêmicos envolvidos no âmbito profissional e humano.

2. Histórico das organizações populares no Brasil.

As organizações populares baseadas na associação de trabalhadores e na autogestão buscam a superação da exclusão gerada pelo capitalismo. Até os anos 70 a existência de organizações populares esteve restrita a alguns setores da economia, principalmente no meio rural, muitas vezes estas cooperativas de produtores rurais não se constituíam em cooperativas autogestionárias, mas se utilizavam da forma jurídica de cooperativa para encobrir relações de subordinação, uma maneira que os capitalistas encontraram para utilizar-se desta conquista dos trabalhadores para obterem lucro para si mesmos, foi criando as cooperगतos. (cooperगतos são falsas cooperativas que funcionam como empresas capitalistas, já que se utilizam do modelo legal das cooperativas para explorar ainda mais seus empregados, precarizando os direitos garantidos pela Consolidação da Leis Trabalhistas.

A partir dos anos 80 com o processo de redemocratização do Brasil, é que vários setores da sociedade despertaram para a necessidade de que a democracia necessitava se expandir para outras esferas da vida, que não só à política institucional, particularmente a do mundo do trabalho.

Outro fator importante para o crescimento dos movimentos populares foi a crise da década de 90, essa fase se caracterizou pela adoção, na maioria dos países, das políticas neoliberais, o Brasil sofreu essas políticas com maior intensidade após sua abertura econômica à economia internacional. (Brasil, 2006).

Tais políticas se caracterizam basicamente pela desregulamentação da circulação financeira internacional, o que acarreta, em políticas nacionais como a já citada abertura econômica, a substituição do pleno emprego pelo desemprego de reserva e pela desestrutura dos serviços públicos essenciais como saúde, educação, habitação, entre outros.

A globalização financeira e econômica acarretou um acirramento da concorrência entre as empresas nacionais e as multinacionais e destas entre si, muitas fábricas faliram por todo país, o que gerou milhares de desempregados. Outro fator foi a substituição

de funcionários por máquinas, causa do grande aperfeiçoamento tecnológico com automatização, informatização e barateamento da telecomunicações.

Diante desse quadro, vem emergindo um conjunto de iniciativas próprias dos trabalhadores, cujo objetivo é tentar se re-inserir no mercado através de formas associativas de produção. Este fenômeno passou a ser conhecido e nomeado no Brasil como economia solidária (Singer, 2000).

De acordo com Arroyo e Schuch (2006), a economia solidária tem emergido práticas de relações econômicas e sociais que, de imediato, vem propiciando a sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida de milhões de pessoas em diferentes partes do mundo.

Essa economia encontra-se na atualidade em franco processo de desenvolvimento. Para sobreviver e se desenvolver nesta sociedade, faz-se necessário o confronto dinâmico e permanente de seus princípios socialistas com os vigentes na realidade econômica atual. Embora saibamos que a Economia Solidária surge das injustiças do capitalismo e se orienta de modo a superá-las, é em seu seio que os trabalhadores produzem, comercializam e calculam seus custos e retiradas.

Para auxiliar na gestão das dificuldades vivenciadas pelos empreendimentos iniciou-se um movimento que passou a fomentar práticas de autogestão, vários autores sugerem a construção de uma estratégia que articule politicamente as redes constitutivas de economia solidária.

A universidade tem um papel importante nesse processo, revendo e elaborando referências teóricas e contribuindo com experiências concretas, ou seja, experimentando a utopia na produção coletiva de saberes, nos projetos comunitários e nas redes locais e globais.

3. Metodologia

A metodologia pauta-se na pesquisa-ação, utilizando-se das falas e registros no decorrer das reuniões, definição das regras internas, formas de comunicação das informações do artesanato, registros da pesquisadora no decorrer da vivência no projeto e diálogos informais.

Aconteceram trinta e dois encontros da oficina de artesanato, com reuniões temáticas, participação na Feira de Profissões, e momentos de confraternização. A oficina iniciou com uma reunião na semana, hoje elas se reúnem duas vezes na semana, participam freqüentemente uma média de quinze mulheres, além da equipe de bolsistas.

A produção do artesanato começa no espaço e se estende para casa das participantes até que seja finalizado. A oficina é variada ensinam e aprendem mais de uma

modalidade de artesanato simultaneamente, cada uma trabalha com o que gosta e tem habilidade, não há a pessoa do instrutor. A maioria delas já tinha habilidade para algum tipo de artesanato, outras confeccionaram suas primeiras peças na oficina, o conhecimento que cada uma tem é compartilhado e buscam aprender juntas as novidades que surgem relacionadas ao artesanato. As perspectivas de educação popular e economia solidária são semeadas nos círculos de conversa.

Buscamos nos aproximar o máximo possível da realidade delas, através da aplicação do questionário, dos diálogos informais, das visitas às suas casas para conhecer os membros da família e seu cotidiano.

A escolha do artesanato, das regras, da participação em feiras, entre outros é sempre feita nos círculos de conversa, onde a problematização é uma ferramenta muito utilizada, fomenta a participação, a construção da consciência crítica, a criatividade e a superação dos conflitos.

A abordagem metodológica fundamenta-se na educação popular freireana que valoriza o saber popular e a politização do indivíduo por meio da leitura de mundo e a reflexão sobre o ser no mundo. Portanto, capaz de refletir e atuar sobre a sua realidade. E se baseia nos níveis de consciência de Paulo Freire, onde percebemos que a autogestão só se torna viável quando os cooperados se percebem no nível de consciência crítica, que pode ser caracterizado pela capacidade do indivíduo de se afastar da sua realidade objetiva e problematizá-la.

4. A organização do grupo de artesanato.

O início do trabalho se deu com um levantamento inicial de informações sobre as famílias vinculadas ao PETI com visitas in loco e aplicação de questionários que buscavam informações entre outras, sobre habilidade e interesse em artesanato.

Houve o interesse de uma participante na confecção de bonecas de pano devido a sua história de vida. Desde pequena teve paixão por bonecas, mas devido à situação financeira da família, não as teve quando criança, nem por isso deixou de brincar; colhia bonecas de espiga de milho e com muita criatividade esbaldava-se em sua brincadeira preferida.

Quando questionada sobre essa habilidade e gosto em confeccionar bonecas diz:

“Como eu não tive bonecas quando criança, e tinha que brincar com espiga de milho, assim que vi a revista de uma vizinha logo imaginei que pudesse fazer, aí comecei”.

O grupo realizou um levantamento de preços, alternativas de modelos e custos e potencial de mercado. No entanto, a falta de máquina de costura levou-a a optar por outra atividade.

Após análise dos questionários as famílias potenciais foram visitadas novamente e convidadas a se inscreverem para as oficinas. Outras formas utilizadas na tentativa de mobilização foram divulgações na rádio local e as oficinas de sabão caseiro. Aonde a equipe vai até a residência da pessoa que fez inscrição e que se propôs a convidar os amigos e vizinhos, levando o material necessário para confecção do sabão, além de equipamentos de segurança e receitas que são distribuídas aos participantes e aproveitando essa reunião de pessoas divulgamos as atividades e convidamos a participar.

Foram várias as tentativas de mobilização, mas as que realmente surtiram resultado foram as visitas às famílias onde conhecemos mais de perto a sua realidade através das conversas informais, as chamadas na rádio e a divulgação boca a boca após o início da oficina.

Os bolsistas tiveram e continuam tendo no decorrer do projeto, encontros continuados para formação com referencial de Paulo Freire, com leituras de livros e artigos voltados à educação popular, grupo de discussão temática, trabalhos em equipe, pesquisas e debates.

E só então, deu-se início a oficina de artesanato que contou com atividades de tear manual, tear de prego, crochê, tricô, várias técnicas de bordado, costura com reaproveitamento de retalhos. No início o grupo contou com instrutores voluntários de oficinas, no entanto, a perspectiva de oferecer um curso contrastou com a perspectiva de educação até então incentivada de participação e valorização do saber popular. Concomitantemente, uma das participantes se prontificou a ensinar o que sabia recebendo em troca material assim que ele fosse liberado, o que aconteceu em um período de três meses. À medida que as participantes foram dominando algumas técnicas e valorizando seu saber em discussão coletiva decidiram que cada uma ensinaria o que sabe eliminando a pessoa do instrutor. Foi construído um cartaz com o grupo na expectativa da chegada do material, uma forma de discutir e refletir, buscando a conscientização do grupo. Trata-se de opiniões de todas sobre ações que levam do individualismo ao coletivo e depois situações que tornam ações coletivas em individuais.

Individual p/ coletivo	Coletivo p/ individual
1.Um gostar do outro	1.Querer se sobressair
2.Querer para todos	2.Individualismo
3.Comprometimento	3.Quebra de confiança
4.Flexibilidade	4.Falta de respeito
5.Cada um dar um pouco de si	5.Diferenças
6.Reconhecimento da fraqueza	6.Teimosia
7.União	7.Se sentir usada
8.Perseverança	8.Não se sentir parte do grupo
9.Acreditar	9.Fofoca
10.Interesses comuns	10.Intolerância
11.Estratégia/meta	
12.Estabelecer regras do jogo	
13.Respeito à individualidade	
14.Flexibilidade	

QUADRO 1 Relação individual/coletivo

Fonte: dados da pesquisa-ação

No início apenas duas regras ou acordos, foram construídos com o grupo em vários encontros temáticos da oficina, através da problematização de situações possíveis e posterior consenso.

A Feira de Profissões, foi uma experiência bastante produtiva, foram comercializadas várias peças, além do esperado e houve certa demanda de encomendas, a partir daí perceberam que as peças foram vendidas a preços baixos, que provavelmente esteve ligado à baixa estima, falta de segurança e de experiência do grupo. A feira serviu como injeção de ânimo para estimula-los, mostrar seu potencial e que o negócio estava dando certo.

Após a feira, o recurso para material foi liberado e iniciaram a produção com técnicas manuais. Na oficina as portas estão sempre abertas a quem quiser participar, com isso após a liberação do material mais pessoas vieram participar, despertando assim nas participantes mais antigas a necessidade de que novos acordos ou regras, fossem criados, foi em um círculo de conversa que contou com a participação de todas que novos acordos foram construídos, aqueles que partiram da necessidade delas, também foram sugeridas novas oficinas temáticas, entre elas formação do preço, pesquisa de mercado, tendências de artesanato.

A oficina de formação de preço contou com a participação de todas as mulheres, portanto algumas deram mais e outras menos atenção. Após a oficina algumas delas haviam trazido peças prontas para cadastrarmos e tivemos a oportunidade de colocar a teoria

da oficina em prática formando o preço da peça e o resultado superou as expectativas, foi uma experiência fundamental para reafirmarmos que o andamento das atividades deve partir da necessidade e do momento de cada uma.

5. Considerações finais

Desde que iniciamos nosso trabalho a maior dificuldade foi a de mobilizar pessoas para participarem do projeto, uma das conclusões que chegamos é que os vínculos de confiança não são estáveis, aplicamos questionário ou conversamos com pessoas que eram vizinhas e não se conheciam, uma peculiaridade da nossa cidade onde os moradores são oriundos de lugares diferentes mesmo na dificuldade enfrentada por todos é cada um por si, cada um se vira como pode.

Até o momento é possível observar que o fortalecimento do grupo está relacionado com o vínculo de confiança com os proponentes e principalmente ao respeito às diferenças. A experiência do envolvimento dos participantes se fundamenta na criatividade, solidariedade e diálogo como valores essenciais para o fortalecimento da organização social em foco. O espaço livre para a fala e o envolvimento nas decisões levou à valorização do saber individual e o comprometimento. Ao sentirem-se valorizadas, a demanda sobre o seu saber levou ao compartilharem o que sabem e preocuparem-se com as companheiras de grupo.

Bibliografia:

ANDRADA, Criz Fernández, **Onde a autogestão acontece: revelações a partir do cotidiano**. Cad. psicol. Soc. trab. v.9 n.1 São Paulo jun. 2006.

ARROYO, João Cláudio Tupinambá; SCHUCH, Flávio Camargo. **Economia Popular e Solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável e solidário**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

BIGARELLA, João José. **Matinho: homem e terra – reminiscências...** 2. Ed. Matinhos: Prefeitura Municipal de Matinhos/ Fundação João José Bigarella para Estudos e Conservação da Natureza, 1999.

BRASIL. **Documento da I Oficina Nacional de Formação/ Educação em Economia Solidária: documento final**. – Brasília: TEM, Senaes, SPPE, DEQ, 2006.

BRASIL, O cooperativismo Autêntico e a Economia Solidária: Agência de Desenvolvimento Solidário. Elaborada com base em textos de Egeu Esteves, synval Costa e Robson do Nascimento, 2006.

BRAYNER, Flávio Henrique Albert. **Homens e mulheres de palavra: Sobre o diálogo.**

CANÇADO, Airton Cardoso. **Autogestão em cooperativas populares: Os desafios da prática.** 2004

DOWBOR, Ladislau. **Educação e desenvolvimento local.** Internet. Disponível em: <http://dowbor.org/06edulocal.doc>. Acesso em 01 ago. 2007.

LACOMBE, F.J.M.; Heilborn, G.L.J. **Administração: princípios e tendências.** 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Hucitec, 2000.

MATOS, Aécio Gomes de. **Capital Social e Autonomia** Disponível em: < <http://www.capitalsocial.hpg.ig.com.br/artigos/artigo1.rtf> > Acesso em 31 de julho de 2007.

MOURA, Maria Suzana. Meira, Ludimila Meira. **Desafios da gestão de empreendimentos solidários.** *BAHIA ANÁLISE E DADOS, Salvador Sei vol. 12 n° 1 Pg. 77-84 Junho 2002.*

PEREIRA, M. C. C.: **Experiências Autogestionárias no Brasil e na Argentina.** 2007. Dissertação (mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária-** 1ª Ed. São Paulo Editora Fundação Perseu Albano, 2002.